

Mulheres na imprensa e o *Jornal das Senhoras* (1852-1855)

jacqueline Ferreira Dias*

Por muito tempo as mulheres foram excluídas da história. Somente a partir de meados do século XX, através de reivindicações do movimento feminista e de mulheres intelectualizadas, que produções acadêmicas passaram a considerar a história das mulheres pelo prisma das resistências e protagonismo social. No entanto, para alcançar esse olhar histórico mais cuidadoso, as mulheres tiveram que lutar contra a tentativa de subjugar-las. Um veículo importante para viabilizar essa batalha pública foi a imprensa: que difundiu as primeiras ideias de igualdade de gênero, o direito a educação e ao voto para a classe feminina.

As editoras, escritoras e mulheres letradas estavam presentes na sociedade brasileira no século XIX-XX, ativas e compromissadas com debates públicos. Houve, portanto, formas de resistência ao patriarcalismo que visava torná-las inexistentes no âmbito intelectual. As mulheres intelectualizadas tiveram, muitas vezes, que conciliar a profissão idealizada de mãe, dona-de-casa e esposa exemplar destinada à elas. Uma destas personagens foi Juana Paula Manso de Noronha, uma argentina que residiu no Brasil e contribuiu para a luta feminina no país. Ao editar e organizar o *Jornal das Mulheres*, de 1852-1855, um dos primeiros jornais criado por mulheres e para elas, que tratava desde moda, literatura, belas-artes até à crítica e questões políticas. Criado no Rio de Janeiro, o jornal quebrava paradigmas da época ao ter responsável somente mulheres, pois os jornais eram dirigidos por homens e tinham como pauta feminina: roupas, casamentos, música, ou seja, assunto para dona de casa. O *Jornal das Senhoras* até contribuições externas de outras escritoras ou das próprias leitoras era permitido e estas podiam apresentar suas ideias ao jornal, deixando-as no anonimato para mantê-las protegida da ordem machistas, se assim preferissem.

Juana Paula de Manso e Barana Violeta de Bivar (que viria a se tornar sucessora de Manso), deram voz à essas mulheres anônimas e refletiram sobre reivindicações femininas e papéis sociais no *Jornal das Senhoras*. O direito a educação, vida profissional e, posteriormente, ao voto e divórcio são pautas comuns em periódicos geridos por mulheres editoras. Esses direitos, que em nosso tempo presente parecem bastante básicos, eram negados ou limitados para a classe feminina, pois havia todo um aparato institucional

*Graduada em Licenciatura plena em História Universidade de Pernambuco –UPE/Campus Petrolina. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Política e História Literária –GEPHIL

prescrevendo afazeres domésticos e o casamento como práticas mais importantes que leituras, engajamento político e conhecimento das letras para as mulheres.

Os periódicos desta natureza nasceram justamente enquanto contraponto a tentativa de silenciamentos dos interesses femininos, unindo escritoras de todo Brasil em busca de igualdade. Esses diálogos femininos foram favorecidos pela urbanização da então capital federal, o Rio de Janeiro, e do Brasil. Em meados do século XIX, os jornais disseminavam notícias, ideais políticos, críticas e eram o principal meio de propagar ideais políticos entre o reduzido público leitor do país. Desse modo, nessa época, sem internet ou rede social, a imprensa feminina tinha o papel principal de levar para a população questões sociais e culturais nacionais, além de promover sociabilidades, através de cartas e textos para publicação, bem como promover a união entre mulheres no Brasil que compartilharam dos mesmos interesses por emancipação.

Periódicos como *Jornal a família* (1888), de Josefina Alvares de Azevedo; *Pinna, Agulha e Colher*, de 1918 e vários outros jornais, encontrados pelo país, compartilharam dos mesmos interesses que o *Jornal das Senhoras*. Nomes como Revoça de Melo, Rosa Valente, Cândida Fortes, Delminda Silveira; a própria Juana Paula de Manso; Barana de Bivar e Maria José Barreto Pereira Pinto são pouco lembrados pela historiografia brasileira. Tratam-se de mulheres que questionaram o patriarcalismo, escrevendo, publicando e contribuindo para a atividade intelectual brasileira. Assim, propor um ensino que discuta com os alunos o significado político, histórico, cultural e social das lutas femininas por emancipação é buscar refletir também sobre silenciamentos e tramas de poder que buscam diminuir a importância ou mesmo ceifar o debate sobre a história das mulheres.

O *Jornal das Senhoras*, do Rio de Janeiro, disponível para consulta pública na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, preserva informações sobre a sociedade brasileira de metade do século XIX. Podendo, assim, ser utilizado pelo professor da rede básica de ensino como fonte para o ensino de história. Temáticas como: atuação feminina nos jornais, educação feminina, patriarcalismo e feminismo, correspondente ao período do Segundo Reinado à Primeira República, podem ser tratadas a partir da leitura individual/coletiva e discussão desse impresso.